

IAH: INTERNACIONALIZAÇÃO E/OU INTERCULTURALIDADE AT HOME?

FABIANE APARECIDA SANTOS CLEMENTE

PhD em Educação (PUCRS), Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET).
Email: fabianeclemente@ufam.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3214-428X>

MARILIA COSTA MOROSINI

Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Pós Doutora pela UTexas, Coordenadora do RIES - Rede Sulbrasileira de Investigadores em Educação Superior; Coordenadora do Centro de Estudos de Educação Superior (CEES); Coord. PRONEX / CNPq / FAPERGS. Pesquisadora A1 CNPq.
Email: mariliamorosini@puers.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3445-1040>

RESUMO

Esse artigo traz uma discussão sobre as aproximações conceituais de internacionalização *at home* e interculturalidade, a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Como principais resultados, tem-se a proposta de repensar a internacionalização *at home* como um meio de se desenvolver aspectos da interculturalidade no espaço da educação superior, além de um olhar para forças que minam e impulsionam esses construtos. As principais aproximações e distanciamentos identificados foram a incorporação das discussões de temas como a colonialidade e a interculturalidade crítica; a necessidade de expandir pesquisas na área, ainda incipientes quando se trata do ponto de vista de competências interculturais e a necessidade de se incluir a perspectiva histórica do contexto. Para os distanciamentos, entende-se que interculturalidade *at home* é muito mais abrangente do que a internacionalização *at home*, sendo esse último, um meio e não o fim para as discussões conceituais.

Palavras-chave: Internacionalização *at home*; Interculturalidade *at home*; Educação Superior.

IAH: INTERNATIONALIZATION AND/OR INTERCULTURALITY AT HOME?

ABSTRACT

This article discusses the conceptual approaches of internationalization *at home* and interculturality, based on a qualitative bibliographic research. As main results, we have the proposal to rethink internationalization *at home* as a means to develop aspects of interculturality in the area of higher education, as well as a look at forces that undermine and boost these constructs. The main approaches and distances identified were the incorporation of the discussions of themes such as coloniality and critical interculturality; the need to expand research in the area, still incipient when it comes to the point of view of intercultural skills and the need to include the historical perspective of the context. For distancing, it is understood that interculturality *at home* is much more comprehensive than the internationalization *at home*, the latter being a means and not the end for conceptual discussions.

Keywords: Internationalization *at home*. Interculturality *at home*. Higher education.

IAH: ¿INTERNACIONALIZACIÓN Y / O INTERCULTURALIDAD EN EL HOGAR?

RESUMEN

Este artículo analiza los enfoques conceptuales para la internacionalización en el hogar y la interculturalidad, basados en una investigación bibliográfica cualitativa. Como resultados principales, existe la propuesta de repensar la internacionalización en el hogar como un medio para desarrollar aspectos de la interculturalidad en el espacio de la educación superior, además de observar las fuerzas que socavan e impulsan estos constructos. Los principales enfoques y distancias identificadas fueron la incorporación de discusiones sobre temas como la colonialidad y la interculturalidad crítica; la necesidad de expandir la investigación en el área, que aún es incipiente cuando se trata del punto de vista de las competencias interculturales y la necesidad de incluir la perspectiva histórica del contexto. Para distancias, se entiende que la interculturalidad en el hogar es mucho más integral que la internacionalización en el hogar, siendo este último un medio y no el fin de las discusiones conceptuales.

Palabras clave: Internacionalización en el hogar; Interculturalidad en el hogar; Educación universitaria..

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, o convívio de culturas diferentes se torna comum, seja nas organizações (FREITAS, 2009), seja na sociedade em geral, com mescla de culturas internacionais ou não. Essa complexidade vem acompanhada de questões que brotam cotidianamente nas instituições existentes. Dentro dessa perspectiva, trabalha-se com a interculturalidade, ou seja, a capacidade de se criar elos entre as várias culturas, não somente nacionalmente, mas internacionalmente. Trata-se, portanto, de desafios: como criar tais elos? Como esses elos são sustentados? Quais os melhores elos?

Entende-se que esse termo “brotar” foi adotado no sentido de associar às perspectivas que incorporem tanto aspectos explícitos quanto implícitos do contexto, ou ainda, acontecimentos ou aspectos que trazem muito discutidos na literatura sobre cultura e interculturalidade que denotam o iceberg.

A partir daí vários questionamentos trazem à tona interpretações e perspectivas de estudos que se desenvolvem a fim de trazer algumas respostas ou pelo menos incitar diálogos às questões que nascem no olhar da temática intercultural. As instituições inseridas nesse contexto, além de incorporar o pluralismo cultural brasileiro, também incutem o pluralismo global e multinacional, podendo isso ser visualizado a nível institucional, por exemplo.

Se tratando de um contexto em que a geografia espacial já não impõem barreiras quando se trata de interculturalidade, a globalização passa a ser um importante conceito já marcado no

século XXI. A globalização, portanto, deveria ser um processo cada vez mais moldado para a interconexão de culturas e pessoas, trazendo novos olhares para a discussão do homem inserido no espaço. O tempo e o espaço são transformados de uma forma muito mais rápida e com diferentes visões. Entende-se que o Brasil por si só já traz um arcabouço multicultural em sua essência se tornando um espaço de experiências ímpares trazidas em suas regionalidades.

Morosini (2017) ressalta que a ES na última década apresenta uma expansão apoiada no advento da globalização e inserção de novas tecnologias e, se apoia na Internacionalização como um dos meios para o alcance da qualidade e relevância.

A internacionalização pode ser considerada como uma das discussões mais latentes quando se tem um olhar para a educação superior (ES), sendo foco de discussões em diversas áreas de estudos no mundo. Organismos internacionais, como Banco Mundial, Unesco, bem como governos, já colocam a ES como um tema que tem um papel importante para o desenvolvimento equilibrado entre os países (MOROSINI, 2017). No Brasil, “a internacionalização como critério de qualidade da educação superior é marcante” (MOROSINI, 2017, p. 291).

Imersa ao contexto configurado e denominado como “emergente”, caracterizado como um espaço de tensões entre “concepções preexistentes, refletoras de tendências históricas” e a sociedade contemporânea (MOROSINI, 2014, p. 289), a Educação Superior se mostra cada vez mais complexa e arraigada por um emaranhado de aspectos que requerem novos olhares e discussões. Internacionalização e Interculturalidade, portanto, são temas incipientes na academia brasileira, porém imprescindíveis. “Internacionalização da educação superior é um processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural na Educação Superior” (MOROSINI, 2019, p. 18).

“A internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global” (MOROSINI, 2019, p. 13). Isso pressupõe que, interculturalidade e internacionalização são conceitos que estão entrelaçados. Quando se pensa em internacionalização, além de uma perspectiva focal, não se pode deixar de pensar em interação entre culturas ou aspectos culturais (CLEMENTE, MOROSINI, 2020).

Analisar os dois construtos “Internacionalização” e “interculturalidade” passa a ser uma diretriz quando se trata da temática Educação Superior. Temas esses que já estão à tona em todo o mundo, entende-se ser essenciais discussões no contexto brasileiro. Diante disso, através de

uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, exploratória, buscou-se discutir por meio da literatura publicada (nacional e internacional) as aproximações e distanciamentos nos conceitos de internacionalização *at home* (IaH) e interculturalidade na educação superior, com o propósito de trazer uma releitura apresentando um olhar para a interculturalidade enquanto um construto “*at home*”.

METODOLOGIA

O caminho percorrido nesse trabalho se pautou em uma pesquisa do tipo qualitativa, exploratória com uso da pesquisa bibliográfica. Como referência adotou-se Gil (1999), bem como discussões sobre os passos e parâmetros da Pesquisa Bibliográfica de Lima e Miotto (2007). A pesquisa bibliográfica se apoia em documentos para se constituir a análise da pesquisa. Os parâmetros adotados para a busca da literatura foram analisados a partir de Lima e Miotto (2007), com base nas diretrizes que garantem o rigor metodológico para esse tipo de trabalho: a) o parâmetro temático, linguístico, principais fontes e cronológico.

Esses passos envolveram a seleção de documentos conforme a seguir:

a) o parâmetro temático: esse aspecto se refere às obras relacionadas ao objeto de estudo, de acordo com os temas que lhe são correlatos. Adotou-se publicações internacionais de referência para a temática Internacionalização tais como Freeman et al (2009); Knight (2004); De Wit (2011, 2013, 2017); Volet (2004); Leask (2009, 2012, 2015); Robson (2017), Beelen e Jones (2015), literatura essa discutida também no contexto brasileiro, bem como fontes nacionais que contemplaram Morosini (2006, 2011, 2014, 2016, 2017, 2019), Morosini e Ustarroz (2016), Morosini e Nascimento (2017), Morosini e Dalla Corte (2018); Reis (2007); Leal e Oregioni (2019); Martínez (2017); Costa (2014), por se tratarem de discussões com referências clássicas e atuais sobre a temática, além de incorporarem a temática interculturalidade associada às discussões de internacionalização. Na perspectiva de interculturalidade, adotou-se no prisma da América Latina, Walsh (2009, 2009a); Mato (2017); Reyna (2007); Rojas (2008) e no contexto brasileiro, Candau (2003); Candau e Koff (2006), Clemente e Morosini (2020, 2020a). Aliado a isso, o uso de Deardorff (2006, 2009) trouxe discussões sobre competências interculturais, construto diretamente ligado às análises dessa pesquisa;

b) o parâmetro linguístico: As obras escolhidas foram nos idiomas português, inglês e espanhol;

c) as principais fontes que se pretende consultar: As fontes escolhidas foram livros e artigos publicados em periódicos científicos;

d) o parâmetro cronológico de publicação: Foram priorizadas as obras mais atuais, predominantemente publicadas a partir dos anos 2000.

O uso dessas bibliografias, permitiram uma análise conceitual de debates do século XXI, trazendo não somente práticas e conceitos atuais, mas discussões históricas de construção das temáticas e a interlocução com os conceitos.

INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA BREVE DISCUSSÃO

Dado o impacto da globalização no ensino superior e no mundo dos negócios, em consonância com a continuidade do foco na internacionalização com uma maior tendência ao aumento exponencial na diversidade cultural na sociedade e no mercado, oportunidades e desafios surgem nesse contexto e que devem ser considerados no processo de formação discente (FREEMAN et al, 2009).

Os autores trazem também que os "entendimentos, competências, atitudes, competências linguísticas, participação e identidades são necessários para o sucesso do intercâmbio cultural" (HEYWARD, 2002, p.10) e esses aspectos são temas recorrentes nos discursos de internacionalização na educação superior, porém há uma carência de desenvolvimento de formas e pedagogias que venham efetivamente desenvolver competências interculturais e que precisam ser testadas em contextos específicos de disciplina.

Historicamente, a internacionalização da educação superior esteve voltada principalmente à produção do conhecimento e à investigação, com o foco na autonomia do pesquisador, com a função de pesquisa como prioritária. Já nesse século, além da pesquisa, tem-se o Ensino como protagonista ampliando "seu espectro" às todas as instituições, levando às discussões sobre função, por exemplo (MOROSINI, 2017, p. 288).

O conceito de internacionalização mais amplamente aceito e citado é o de Knight (2004), que defende que se trata de um processo de integração de um sistema internacional, intercultural, dimensão global ou para a finalidade, funções ou entrega da educação superior (BEELEN; JONES, 2015).

Os aspectos que permitem essa afirmação são a articulação da internacionalização como processo, bem como considerar as dimensões internacionais e interculturais do currículo, sendo também um conceito amplo que é capaz de abranger todas as atividades de uma universidade contemporânea (BEELEN; JONES, 2015).

Volet (2004) argumenta que a internacionalização gera oportunidades para melhorar a qualidade da educação e prossegue para defender duas oportunidades específicas: melhorar a cooperação de competência intercultural e promover habilidades para a reflexão crítica. Isso permite a inferência, nos primeiros achados conceituais, sobre a importância da interculturalidade e de competências interculturais quando se trata e discussões sobre internacionalização da educação superior.

Morosini (2019, p. 13) destaca que a “internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”. Com uma discussão quanto à classificação da internacionalização da educação superior, Morosini (2017) destaca que podem ser citadas a internacionalização integral ou comprehensive, internacionalização *at home* (IaH) ou doméstica, internacionalização do curriculum (IoC) e a mobilidade acadêmica, destacando que na América Latina, este último, marca com mais força o conceito de internacionalização da educação superior.

Apesar de um enfoque maior ao tema IaH, entende-se ser importante uma breve discussão dos tipos de internacionalização. A internacionalização do curriculum (IoC) é visto como mais do que as disciplinas do conhecimento, tendo uma visão (literatura internacional) mais prioritária de mobilidade “in” (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017). Beelen e Jones (2015) ressaltam que as discussões de Leask (2015) traz a internacionalização do currículo sendo promulgada não apenas através do currículo formal, avaliado, e do ensino, aprendizagem e avaliação, mas também através do currículo informal.

Leask (2015) conceitua a Internacionalização do Curriculum, a partir de uma revisão conceitual afirmando que se trata da incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, bem como os resultados da aprendizagem, tarefas de avaliação, métodos e serviços de apoio de um programa de estudo. Esse olhar, apesar de não ser o enfoque aqui de IoC, se aproxima com os entendimentos conceituais desse estudo, por incorporar a interculturalidade como um aspecto fundamental no processo de internacionalização, seja ele qualquer tipo ou classificação adotada.

Ao pensar na internacionalização em casa ou *at home* (IaH), essa apresenta-se como um conceito bastante restrito se comparado com a noção mais ampla de internacionalização do currículo (IoC) e está se tornando cada vez mais o foco de atenção nas universidades. Junto a isso, a IaH continua a ser um conceito útil em determinados contextos e para determinados fins (BEELEN; JONES, 2015).

Beelen e Leask (2011, p. 5) enfatizam que a Internacionalização em casa (IaH) é um conjunto de instrumentos e atividades em casa que visam desenvolver competências internacionais e interculturais em todos os alunos. Esse conceito é muito importante aqui, pois traz um debate em voga nessa pesquisa: competências interculturais. Enfatizam também que são os instrumentos e atividades em casa o que denota a ênfase de ações locais, que tenham como objetivo ampliar as competências de todos os alunos e não apenas alguns. Essa análise é importante, visto que o espaço latino americano e no Brasil, uma das limitações discutidas na literatura denotam a abrangência restrita quanto a mobilidade de docentes e discentes.

Outro conceito que enfatiza a perspectiva da interculturalidade e das competências interculturais é o conceito de Knight (2006). A internacionalização em casa (IaH) inclui atividades que ajudam os alunos a desenvolver a compreensão internacional e as habilidades interculturais. A IaH é um meio para se atingir tais compreensões e habilidades, tratando de habilidades interculturais, sendo mais um conceito que traz a ênfase dada à interculturalidade.

Internacionalização em casa possibilita que a instituição universitária ocupe um espaço significativo na sociedade, que não seja dependente da mobilidade. Um espaço que possibilite o acesso à internacionalização por diferentes camadas sociais latino-americanas e que contribuam para o desenvolvimento mundial sustentável, marcado pela convivência democrática, pelo respeito, pela solidariedade e pela cooperação para uma cidadania socialmente responsável (MOROSINI, 2017, p. 291)

De Wit (2013) ressalta que o movimento da IaH, iniciou-se na Europa no final da década de 1990. No contexto da Europa Ocidental, por exemplo, o processo de internacionalização funciona com o deslocamento de discentes para o exterior pela facilidade do deslocamento geográfico, o que permite aos mesmos o intercâmbio com diferentes culturas e línguas (BEELEN; JONES, 2015). Os autores defendem que, a experiência com a mobilidade pode ser benéfica com a IaH, uma vez que os alunos que aprenderam outras experiências através da mobilidade, podem compartilhar tais aprendizagens com a maioria fixa, que não se desloca.

Os autores também trazem os principais obstáculos vistos por pesquisadores na área, quanto à internacionalização: falta de envolvimento dos acadêmicos combinado com déficit de competências. Diante disso a IaH é uma aliada forte para o desenvolvimento de competências nos discentes e docentes que não têm acesso à mobilidade.

No Brasil, a mobilidade acadêmica é um dos artefatos para internacionalização da educação superior. Porém, somente isso não é o suficiente para garanti-la (ROSA; SANTOS; MOROSINI, 2018).

[...] a internacionalização da educação superior pode ser uma via para inovação no ensino, uma vez que a vivência da interculturalidade, que é possível através desta internacionalização, é um dos benefícios do intercâmbio curricular, pois até quando existem resistências à multiplicidade de experiências, é possível problematizar questões culturais típicas dos países. Possibilita não só ao estudante estrangeiro que está fora do seu país uma rica experiência cultural, mas também aos estudantes nativos, que têm experiências internacionais sem sair do país, causando estranhamento dos hábitos enraizados que eram tidos como naturais (ROSA; SANTOS; MOROSINI, 2018, p.10).

Isso posto, ressalta-se aqui que a internacionalização vista somente como mobilidade, já não se faz em sua completude. Muitas razões envolvem essa afirmação e uma delas é a perspectiva para o Global Sul, foco da discussão nessa pesquisa. O Global Sul, incluindo o Brasil, que ainda possui um debate recorrente da internacionalização da educação superior associada a mobilidade, também carrega suas limitações quando se trata desse último: poucos discentes com acesso a mobilidade, pouco investimento nessa área, dificuldade com língua estrangeira, entre outros.

Os estudos sobre internacionalização da educação superior refletem o momento de transição que caracteriza os contextos emergentes, aqui entendidos como configurações em construção na educação superior observadas em sociedades contemporâneas e que convivem em tensão com concepções preexistentes, refletoras de tendências históricas. Esses estudos, por um lado, são produzidos por e para uma realidade sócio-histórica dominante do global norte e que, mais recentemente, teve a valorização de estudos sobre a Ásia [...]

[...] Paralelamente ao domínio do campo pelos estudos do global norte, registram presença poucos estudos nos quais a equidade e a preservação da identidade local são princípios imprescindíveis. Esses estudos, via de regra, são oriundos de realidades constitutivas do global sul, compreendidas aqui como além de posições geográficas e marcadas por fortes contradições socioeconômicas (MOROSINI, 2017, p. 289)

As discussões partindo de um olhar que divide a produção científica e as pesquisas entre Global Sul e o Global Norte já são trazidas na literatura. Isso permite observar as peculiaridades geográficas, históricas, sociais, econômicas, políticas, trazidas em cada bloco.

Mais uma vez as principais discussões sobre internacionalização e internacionalização *at home* (IaH) associam o construto interculturalidade como um dos aspectos principais da discussão. Percebe-se que na literatura, é inverossímil falar de um conceito sem associar o outro.

INTERCULTURALIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA PERSPECTIVA CONCEITUAL

Falar de interculturalidade na educação superior brasileira nessa discussão, parte de premissas o qual se delimitam a seguir: a primeira é que se considera o contexto brasileiro um ambiente diverso culturalmente, o qual o intitula-se metaforicamente nesse artigo como um “continente brasileiro”¹, dada a vasta extensão territorial e diversidade cultural.

Segundo, pondera-se que, ao discutir a interculturalidade na educação superior brasileira, pode-se reflexionar sobre várias compreensões epistemológicas e vários conceitos relacionados a este, principalmente no ângulo de se repensar sobre interculturalidade e competências interculturais na educação superior como construtos improteláveis.

Terceiro que, ao discutir interculturalidade na ES brasileira, é possível trazer os vários conceitos e correntes se conectam a esses debates, dentre eles, a internacionalização.

A interculturalidade na ES, tanto na América Latina, quanto no contexto brasileiro, tem exigido não somente discussões teóricas acerca do tema, mas proposições urgentes que venham derivar práticas e projetos que elucidem o desenvolvimento dos povos desse continente. Esse desenvolvimento pode trazer várias perspectivas, sendo imprescindível considerar a necessidade de transcender a interação entre culturas.

Antes discutir sobre o conceito em si e sua complexidade nesse continente, apresenta-se um pouco sobre o ambiente. Considera-se o contexto da educação superior brasileira denominado como “emergente” (MOROSINI, 2014).

¹ Esse termo foi adotado pelas autoras em um artigo publicado em: CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marília Costa. Competências interculturais na educação superior: uma perspectiva do continente brasileiro. *Laplage em Revista*, v. 6, n. 1, p. 61-74, 2020.

As principais discussões de contexto emergentes se baseiam nas publicações de Morosini (2006, 2014) que se apropria das discussões trazidas por Didriksson (2008) o qual enfatiza que novos desafios vêm surgindo para a educação superior, “dos quais se destaca considerar as demandas locais num contexto global” (MOROSINI, 2014, p. 386).

Portanto, a partir dessa lacuna de mutação, entende-se que as demandas, forças, oportunidades e ameaças, vêm surgindo e exigindo um repensar das instituições de educação superior (IES) inseridas entre o “modelo tipo ideal weberiano de educação tradicional e um outro de educação superior neo-liberal” (Ibidem, p. 386).

Isso corrobora com o foco das discussões desse artigo. Novas demandas surgem, trazendo à tona temas que antes encontravam-se adormecidos, como por exemplo a interculturalidade, competências, tal qual competências interculturais.

No Brasil, estudos sobre competências é bem difundido. Desde a década de 1960 tem-se estudos sobre o tema, principalmente pela área das Ciências Sociais Aplicadas. Vale um adendo, porque no século XXI, estudos sobre Competências Interculturais ainda busca se firmar no campo acadêmico brasileiro de forma lenta².

Essa afirmação está principalmente pautada nos estudos que vem sendo realizados pelas autoras, o qual, ao construir o Estado do Conhecimento sobre Competências Interculturais na Educação Superior Brasileira, encontram-se trabalhos principalmente na área de Linguística/Letras, com predominância de estudos qualitativos e com discussões teóricas principalmente voltadas para o ensino de uma língua estrangeira.

Essa breve contextualização do tema competências interculturais é importante porque ao falar de interculturalidade, mesmo antes de adentrar no conceito por si só, fortes discussões sobre competências interculturais já estão avançadas no Global Norte³, em especial nos Estados Unidos, conforme afirma Deardorff (2006) ressaltando que desde 1950 já vem trazendo debates sobre o construto. Esses debates, portanto, estão muito associados à internacionalização da educação superior e trazendo a interculturalidade como eixo norteador das discussões.

² Artigo publicado pelas autoras que discute o Estado do conhecimento sobre Competências Interculturais na Educação Superior brasileira:

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre competências interculturais no contexto brasileiro: o início de uma caminhada. Revista Panorâmica online, v. 30, 2020.

³ Sousa Santos (2011) caracteriza o Global Norte como países que se encontram geograficamente no Norte, desenvolvidos ou centrais. Já no Global Sul, são os países periféricos ou semi-periféricos.

Estudos no século XXI sobre internacionalização no Brasil, vem trazendo outros conceitos nos debates de pesquisas e grupos de pesquisas, entre eles a interculturalidade e competências interculturais. Nesse campo, identificou-se a “presença da temática internacionalização da educação superior nas teses e dissertações; a produção científica em diferentes áreas do conhecimento; a pouca produção em comparação com a internacional, mas com tendência a aumento e a força do Estado-nação brasileiro nas políticas nacionais de educação superior” (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p. 19)

A literatura nacional e internacional, ao discutirem competência intercultural no contexto educacional tem trazido com frequência o tema internacionalização. Morosini e Ustárroz (2016) enfatizam que um dos grandes desafios trazidos pelo fator Internacionalização na educação superior brasileira é “a construção da cidadania global com a preservação das especificidades locais” e, a partir das discussões da Unesco (2015), justificam a necessidade improtelável das instituições se preocuparem com o desenvolvimento de competências interculturais a todos os discentes para que eles possam enfrentar todos os desafios, inclusive os globais.

Corroborar-se com as exposições trazendo uma outra perspectiva para a problemática: os desafios globais, requerem também um repensar para os desafios locais. Isso implica que, falar de interculturalidade e de competências interculturais, exige que a sociedade latino-americana e brasileira, repensem sobre as molas que impulsionam o desenvolvimento dos atributos no contexto educacional positivamente, mas também as alavancas que movem esse sujeito de forma descendente, como por exemplo, problemas como o racismo e preconceito ainda tão fortes no contexto brasileiro e latino americano, sendo uma das formas de se analisar é discutindo a temática colonialidade.

Logo, discute-se a interculturalidade na educação superior apoiando em autores que trazem um debate crítico, que irá visualizar a questão da interculturalidade no ambiente latino-americano, não com uma visão somente positiva ou como uma mola propulsora sem barreiras que interferem no desenvolvimento do indivíduo na educação superior, mas também a partir dos entraves e alavancas que minam o crescimento do ser humano enquanto cidadão.

A interculturalidade é um tema que carrega bastante complexidade conceitual o qual propõe-se aqui apresentar alguns destes. Primeiramente, interculturalidade, interculturalismo, multiculturalismo e multiculturalidade estão ligados e aqui são considerados conceitos distintos.

Reyna (2007) discute que a partir da metade do século XX, o fenômeno

multiculturalismo se evidencia principalmente nos Estados Unidos e Canadá com o objetivo de olhar para as demandas de grupos minoritários (gays, negros, indígenas, etc). Posteriormente, na Europa e América Latina, tem o surgimento do fenômeno interculturalismo, sendo que o prisma da Europa foi predominantemente aos imigrantes, e, na América Latina, caracterizada pela demanda de reconhecimento cultural de povos locais.

A respeito de diálogos conceituais acerca de interculturalismo e multiculturalismo na educação, Candau e Koff (2006) citam vários autores que buscam aproximações e diferenças entre os dois conceitos, como Bartolomé Pina (1997), McLaren (2000), Banks (1999), Abdallah-Preteuille (2001), entre outros.

Quanto à multiculturalidade, essa é a expressão contemporânea da forma de pensar a multiplicidade cultural, sendo algo complexo que tem sido marcado pelas relações de poder (ROJAS, 2008). Ao relacionar com interculturalismo, aqui se apropria das discussões de Reyna (2007, p. 435). Para a autora, o interculturalismo pode ter dois significados: a) à “tematização teórica do fenômeno da interculturalidade, indicando um campo de estudos” e, b) tange à “possibilidade de ser um projeto político de relações entre diferentes culturas”. Infere-se que o interculturalismo é algo maior, podendo ser um campo de estudos ou projeto a nível de sociedade que envolve a interculturalidade.

A visão de interculturalidade trazida por Tubino (2005, np.), vai além de uma “utopia abstrata”. A interculturalidade é um projeto social viável, que busca construir cidadanias interculturais e democracias multiculturais. “A interculturalidade é, portanto, uma oferta ético-política de democracia inclusiva da diversidade alternativa ao caráter ocidental da modernização social”. Nessa interpretação, a noção de interculturalidade muito se aproxima com a discussões de interculturalismo de Reyna (2007).

Pode-se considerar que a interculturalidade se torna uma materialização do interculturalismo que visa como objetivo final um projeto de sociedade com o prisma da interculturalidade crítica.

A interculturalidade trata-se, além do conjunto de culturas, a necessidade de interação, inter-relação e diálogo entre elas, podendo essa ser diferenciada pelos conceitos trazidos por Walsh (2009), por exemplo. A prática do interculturalismo é a interculturalidade. Não se considera a interculturalidade como um conceito abstrato ou apenas com uma perspectiva romântica. Observa-se que, como todo processo, existem forças que impulsionam e forças que minam, ou ainda que aproximam ou distanciam.

A referência de Walsh (2009) é importante porque traz uma possibilidade de analisar a questão da interculturalidade como níveis. Denomina-se aqui de níveis identificados como avanços no processo de desenvolvimento quanto à interculturalidade na educação superior. A autora traduz em três aspectos: relacional, funcional e crítica.

A interculturalidade relacional tem como características o contato mais básico e geral entre culturas diferentes, que para a autora é o ambiente da América Latina, pois os diferentes povos convivem e sempre houve contato e relação entre povos indígenas e afrodescendentes. É o nível de interculturalidade que oculta os conflitos, as relações de poder, os aspectos da colonialidade.

A interculturalidade funcional, já se trata de um nível em que se reconhece as diferenças, mas não se problematiza-as. Há uma tendência a uma monocultura com diferenças, “uma lógica que reconhece a diferença, sustentando sua produção e administração dentro da ordem nacional, neutralizando-a e esvaziando-a de seu significado efetivo, tornando-a funcional para esta ordem” (WALSH, 2009, p.3).

Portanto, adentra-se na questão da interculturalidade crítica. Aqui, esse é o nível ideal dentro do contexto da educação superior. Para Walsh (2009, 2009a) e Candau (2006), também se trata do tipo ideal para o contexto da América Latina e da Educação, pois tem como características transcender as diferenças culturais. Não se ignora os conflitos que emergem das relações de poder que, muitas vezes de forma silenciosa, anulam todas as tentativas dessa transcendência.

Walsh (2009, p. 4), ressalta que se trata da “construção e posicionamento como um projeto político, social, ético e epistêmico - de conhecimento e conhecimento -, que afirma a necessidade de mudar não apenas as relações, mas também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm desigualdade, inferiorização, racialização e discriminação”.

A perspectiva de Mato (2017) reafirma que a sociedade latino americana está muito longe de se constituir como exemplos positivos de democracia e igualdade, corroborando com as contribuições de Walsh (2009, 2009a) em termos de interculturalidade crítica.

O Brasil, inserido nesse espaço, se torna mais um ambiente que confirma as exposições dos autores. Caminhando a passos lentos quando se discute desenvolvimento de competências interculturais na educação superior, ou até mesmo quando se fala de tentativas de minimização dos problemas relacionados ao racismo e preconceito, exclusão, desigualdade, entre outros que oriundam também de discussões acerca de interculturalidade, ainda é um país como um

ambiente da educação de predominância funcional⁴ (CANDAUI, 2012).

Avanços sobre interculturalidade na educação superior brasileiro, precisam “não somente incluir indivíduos de populações indígenas e afrodescendentes em instituições de educação superior, com ou sem seus saberes e práticas, mas implica principalmente em propor-se outras possibilidades de produção de conhecimentos nas universidades modernas, em profícuo diálogo entre as várias epistemologias, sejam estas universalistas ou aborígenes” (FERNANDES, 2014, p.12)

Isto posto, a perspectiva nesse trabalho é justamente trazer algumas reflexões e construir argumentos que corroborem com a releitura que se apresenta sobre a interculturalidade: Interculturalidade *at home*.

Isso, porque, se voltarmos os esforços para o repensar a Interculturalidade *At home*, desenvolvermos o olhar para a interculturalidade do espaço brasileiro, buscarmos transcender os conflitos e tensões que nascem e, até mesmo se fortalecem, conclui-se que o processo de internacionalização será conseqüentemente influenciado e forma positiva, no sentido de desenvolvermos competências que sejam capazes de fortalecer esses dois conceitos.

No próximo capítulo, buscou-se discutir aproximações conceituais trazendo reflexões sobre a internacionalização *at home* e a interculturalidade *at home*. Entende-se que o olhar especial do contexto brasileiro da educação superior para essas duas vertentes, poderão permitir uma busca de ações e projetos mais efetivos nesse âmbito.

(IAH) INTERNACIONALIZAÇÃO E/OU INTERCULTURALIDADE AT HOME: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

As discussões nesse tópico do artigo busca trazer algumas aproximações e distanciamentos conceituais que possam interferir no processo de interlocução desses dois construtos.

Primeiramente, quanto ao posicionamento conceitual, considera-se como referência central o conceito de Internacionalização *at home* de Beelen e Jones (2015), porque esse conceito traz o enfoque da interculturalidade indo além das experiências globais, mas também

⁴ Artigo elaborado pelas autoras já confirma a predominância desse nível na educação superior. Publicado em: CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marília Costa. Apontamentos sobre competências interculturais na educação superior: o que pensam os discentes de maior rendimento? Revista Internacional de Educação Superior, v. 7, p. e021001-e021001, 2021.

as locais.

Beelen e Jones (2015) oferecem um conceito de IaH como a integração intencional de organizações internacionais e interculturais dimensões no currículo formal e informal para todos os alunos dentro de ambientes de aprendizagem. Essa definição enfatiza a inclusão intencional de organizações internacionais e interculturais nos currículos de uma forma proposital com o objetivo de alcançar todos os discentes, tentando combater um dos obstáculos da mobilidade que é a abrangência limitada.

Essa definição também é importante, visto que também traz a conotação da interculturalidade com a visão intencional. Deardorff (2009), ao discutir competências interculturais, enfatiza que o processo de desenvolvimento desse na ES deve ser intencional, começando pelo posicionamento conceitual da instituição. Além disso, quando se fala de integração em casa, também se tem um forte cunho discursivo de arraigar aspectos de evolução de competências interculturais que se refere ao desenvolvimento da interculturalidade local.

Ao investir na internacionalização em casa (IaH), “não significa que essa instituição não valorize a internacionalização no exterior, mas há uma preocupação com o fato de poder, dessa forma, tornar mais democrática a internacionalização, tendo em vista a impossibilidade financeira de promover a mobilidade de estudantes e docentes de forma mais ampla, atingindo um número maior de pessoas” (MAUES; BASTOS, 2017, p. 336)

Essas perspectivas são fundamentais, visto que defendem que o processo pode se estender além do campus de origem e o contexto de aprendizagem formal, para incluir outras oportunidades de aprendizagem intercultural e/ou internacional dentro da comunidade local. Estes podem incluir o trabalho com culturas locais, étnicas ou religiosas, usando um sistema de aprendizagem e também outros meios para se envolver estudantes internacionais ou explorar a diversidade dentro da sala de aula.

Essa explanação permite trazer a visão de IaH entendendo a importância da Interculturalidade *at home*, uma vez que, assim como Beelen e Jones (2015), enfatizam, a interculturalidade não precisa ser somente internacional e o desenvolvimento de competências interculturais a partir da diversidade local é um meio que irá influenciar o processo de desenvolvimento da Internacionalização *at home*.

Seguindo a análise para o conceito de interculturalidade, considerando também o ambiente da educação superior brasileira, apropriou-se das discussões de interculturalidade crítica de Walsh (2009) que trata da interculturalidade a partir de perspectivas da colonialidade.

Martinez (2017) complementa discutindo a própria internacionalização da ES a partir da perspectiva da colonialidade e essa é uma das razões da escolha do conceito, pois seus resultados trazem aproximações com o debate teórico aqui explorado. O tema tem uma forte conexão com o processo de interculturalidade no contexto brasileiro. Leal e Oregioni (2019, p. 14) ressaltam que ao falar de internacionalização na educação superior, incluindo a interculturalidade, é preciso destacar o passado dos países da América Latina e seu “passado colonial” que “reforça geografias desiguais de poder, conhecimento e ser: sob a fundação de um imaginário global dominante, baseia-se na prática da hierarquia, legitimando certos países, universidades, indivíduos e conhecendo como naturalmente superiores em relação aos outros”.

Essa releitura ou olhar, se baseia no conceito inicial de internacionalização *at home*. Primeiramente, Morosini (2018, p. 128) defende que a internacionalização no contexto latino americano, em especial o Brasil, tem uma perspectiva conceitual principalmente de mobilidade apesar dela se estender “conceitualmente, desde a mobilidade, que é a concepção mais usual, até a produção em redes, e, mais recentemente, estende-se a Internacionalização *at home* (IaH)”.

Alguns estudos abordam que a mobilidade acadêmica, pela qual já passaram os europeus, norte-americanos e australianos, em que o processo já avança há mais de duas décadas, é a definição primeira do termo internacionalização da educação. Em especial, com base nos processos de mobilidade acadêmica, tem se intensificado, nos últimos anos, a relação transnacional em espaços geopolíticos, a exemplo dos países da União Europeia, ampliando conexões e potencializando a construção de redes de conhecimento em nível regional ou, até mesmo, em contexto global, a exemplo do Programa Ciência sem Fronteiras desenvolvido pelas Instituições de Ensino Superior brasileiras e discutido na maioria dos trabalhos que tratam da mobilidade acadêmica. (MOROSINI, DALLA CORTE, 2018, p. 108)

Nesse contexto, a internacionalização tende a não se desenvolver nos mesmos moldes dos países do Global Norte, que já estão, esses últimos, em um processo muito mais fundamentado e sólido de internacionalização. Isso porque, a questão da mobilidade entre os países do Global Norte, sustentam e dão conta do conceito de internacionalização da educação superior, que se fundamenta na mobilidade de indivíduos Global Norte – Norte, com fortes discussões sobre a Internacionalização do Currículo (IoC), bem como sobre a Internacionalização *at home* (IaH).

Já no Brasil (predominância da mobilidade *out*), a internacionalização associada ao conceito de mobilidade, mas um espaço que possui desafios muito diferentes se comparados com os dos países do Global Norte. Pinto e Larrechea (2018, p. 727) também fotografam o

cenário da internacionalização na educação superior da América Latina de forma bem clara e pertinente. Consensualmente na literatura, já se tem dados que confirmam que “os países têm preferência por enviar seus estudantes para os Estados Unidos ou países da Europa. Os Estados Unidos também procuram enviar o maior número de seus estudantes para os países europeus”.

Costa (2014) aponta algumas dificuldades inerentes ao processo de internacionalização no ambiente brasileiro, a partir da restrita visão para a mobilidade: baixo valor de bolsas de estudos, problema na comunicação, falta de informação, documentos necessários para a mobilidade, a questão de problemas para residência no local de destino, atrasos nos pagamentos dos incentivos governamentais, entre outros.

É possível afirmar, por exemplo, que o a internacionalização da educação superior brasileira ainda é “incipiente”. O Brasil conta com 15.803 estudantes estrangeiros em suas instituições de educação superior, de 174 diferentes nacionalidades, representando, entretanto, apenas 0,2% do total de matrículas. (INEP, 2017).

A saída, portanto, seria um repensar a internacionalização a partir da Internacionalização do Currículo IoH e a internacionalização *At home* (IaH).

A produção de conhecimento veiculada no Brasil não vem priorizando outras formas de internacionalização como o currículo, a doméstica (“*at home*”) e a integral. Para uma nova tese a ser trabalhada: infere-se que, em face da materialidade dos países do sul, marcados por uma grande diferença entre classes e camadas sociais, que se reflete numa baixa taxa de acesso e integralização acompanhada de uma alta taxa de abandono da educação superior, a internacionalização em casa poderia oferecer qualidade social aos estudantes e aos propósitos da universidade (MOROSINI, DALLA CORTE, 2018, p. 108)

Também é importante ressaltar que, a mobilidade é um dos aspectos da internacionalização e não o único. Não que o Brasil tenha que abandonar a caminhada para superar os problemas inerentes a esse conceito. Muito pelo contrário. O que sugere-se aqui é um repensar em outras alternativas que venham fomentar a internacionalização da educação superior, visto que o próprio número de discentes com acesso a mobilidade é muito baixo. “Argentina, Brasil, Chile, Equador, México e Venezuela, juntos, apresentam um saldo bruto de mobilidade negativa que é, na média anual, de quase (-)73 mil estudantes” (PINTO; LARRECHEA, 2018, p. 724).

Diante disso, uma das alternativas para os países do Global Sul, inclusive o Brasil é o investimento na Internacionalização *At home* (IaH) e isso traz reflexões: Para falar de internacionalização e internacionalização *at home* (IaH), é preciso trazer um dos eixos centrais

da discussão desses conceitos, a interculturalidade. Diante disso, a internacionalização passa a ser um instrumento para o desenvolvimento da interculturalidade que é condição *sine qua non* para um resultado eficaz quando se trata de internacionalização na educação superior.

Através do envolvimento intercultural local, pode-se contribuir para a internacionalização do meio acadêmico, cultural e de experiências e resultados sociais para os discentes e para as comunidades locais (ROBSON, 2017).

Logo, o Brasil, assim como países da América Latina, dada a complexidade cultural já existente em seu espaço geográfico, já carrega consigo imensas oportunidades de se repensar o desenvolvimento da interculturalidade e até mesmo transcender essa noção de desenvolvimento para a interculturalidade crítica, pensando em seu espaço, pensando em casa (*at home*).

Logo, a interculturalidade seria uma mola propulsora se considerada como Interculturalidade *at home*, vindo de um enraizamento conceitual da perspectiva de crítica de Walsh (2009) ou outra corrente teórica que venha de encontro às discussões. Propoe-se, uma reflexão conceitual para Interculturalidade *at home*:

Interculturalidade at home, ou interculturalidade em casa na educação superior é a integração intencional de culturas dentro do ambiente de aprendizagem, abrangendo ações formais e/ou informais para todos os alunos, incluindo saberes e reflexões a partir da estrutura local.

Esse conceito, dentro da perspectiva latino americana e Brasil, não se trata de um “projeto ou processo étnico” e sim, reflexões que enfatizem a re-existência, a vida, o com-viver e o viver com e a sociedade (WALSH, 2009). O destaque dado ao conceito retrata o início de uma caminhada para um olhar à Interculturalidade *at home* ou em casa.

Parte-se do conceito de internacionalização *at home* de Beelen e Jones (2015), agregada às discussões e interculturalidade crítica de Walsh (2009). Apropriou-se das principais características de ambos os construtos: IaH considerando a interculturalidade e valorização das interações culturais locais, uma ferramenta que incorpora aspectos da estrutura de poder, a “racialização, subalternização e inferiorização e seus padrões de poder, torna visíveis diferentes modos de ser, viver e conhecer e busca o desenvolvimento e criação de entendimentos e condições que não apenas articulem e façam as diferenças dialogarem em um marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito” (WALSH, 2009, p. 15).

Guimarães e Finardi (2018) apresentam reflexões sobre uma necessidade se reexaminar sobre as possibilidades que auxiliem a lidar com a tensão entre valores locais e globais e com

as diferenças culturais. Aproveita-se a inserção para complementar que, é preciso um repensar sobre as questões (tensões, conflitos, fortalezas) que permeiam a interculturalidade do espaço brasileiro, que por si, já é um arcabouço cultural, característico de uma diversidade indiscutível.

Considera-se que, o país já se trata do que denomina-se de “continente” brasileira quanto à diversidade cultural, também entende-se e a própria diversidade institucional da educação superior, compreende-se que o processo de internacionalização das IES brasileiras, poderiam ter o olhar para uma direção diferente da atual quanto à internacionalização, focando os esforços na expansão da Internacionalização *at home* (IaH) e do Curriculum (IoC), dadas às limitações de abrangência de estudantes e docentes à questão da mobilidade internacional.

A realidade do processo de internacionalização da educação superior na América Latina e Brasil, aqui denominada como emergentes, trazem as discussões mais fortes sobre mobilidade acadêmica, mas é possível um repensar sobre a internacionalização *at home*. Várias são as razões os quais apresenta-se para essa afirmação.

A primeira denomina-se como ABRANGÊNCIA. O baixo número de discentes que possuem condições para mobilidade *out* e baixa atratividade da região latina americana para mobilidade *in* (comparada com o global norte), reafirmam a necessidade de se colocar a IaH em um patamar mais valoroso do que atualmente tem-se demonstrado. A literatura (BEELEN; JONES, 2015, LEASK, 2012, 2015; MOROSINI, NASCIMENTO, 2017; COSTA, 2014; DE WIT, 2017) já ressaltam que um dos problemas da mobilidade, em muitos contextos denominados internacionalização refere-se a esse aspecto.

A subcategoria IoC é quase inexistente na produção dos jovens pesquisadores brasileiros. No país, provavelmente, deverá adquirir importância perante a expansão da educação superior cruzada com a desigualdade econômica inerente à nação: tais razões, entre outras, identificam o pequeno número de estudantes brasileiros que podem ter uma experiência internacional via mobilidade (MOROSINI; NASCIMENTO 2017, p.15).

A segunda razão é que se trata também do desenvolvimento de competências interculturais. A necessidade do mercado de trabalho para profissionais globais e pela sociedade para os cidadãos globais não pode ser abordada exclusivamente pela mobilidade. Isso requer a formação de indivíduos que busquem soluções para problemas complexos em contextos locais e globais (BEELEN; JONES, 2015; DE WIT, 2017).

A terceira razão é que o contexto latino americano em especial o Brasil, não se pode falar de internacionalização sem falar de interculturalidade e não se pode falar desse último sem

falar e colonialidade, o qual denomina-se conexão. Martínez (2017) traz uma perspectiva interessante sobre internacionalização e ressalta em um dos três principais pontos de sua tese, em que um trabalho de internacionalização crítica precisa ser discutido no contexto brasileiro, aqui defendido como a Interculturalidade *at home* (perspectiva da interculturalidade crítica). Isso porque a colonização foi também um “processo de controle da produção do conhecimento e das formas de ser” (MARTINEZ, 2017, p. 184).

Em suma, quanto às aproximações conceituais, infere-se que: interculturalidade *at home* trata-se de se analisar a interculturalidade em casa, assim como a internacionalização *at home*, numa perspectiva de se olhar aspectos interculturais a partir do contexto em que se insere o conceito, nesse caso, o brasileiro, com objetivo em ambos da valorização da interação de diferentes culturas.

Outro ponto trata-se da necessidade se discutir os temas, ainda incipientes, complementados com o tema “competências interculturais”. Percebe-se que a América Latina, ao discutir tanto interculturalidade, quanto internacionalização, não pode omitir a questão histórica do espaço, principalmente no que tange a colonialidade e a interculturalidade crítica.

Sobre os distanciamentos quanto a internacionalização *at home* e interculturalidade *at home* (em casa), infere-se que interculturalidade *at home* é muito mais abrangente do que a internacionalização *at home*, sendo esse último, um meio e não o fim. A internacionalização pode ser vista como uma dimensão da interculturalidade. Também, pode-se dizer que internacionalização é um meio e não o fim no que se refere ao desenvolvimento intercultural na educação superior. Assim como afirmam Morosini e Nascimento (2017, p. 21), “postula-se um necessário afastamento de conceitos dogmáticos e idealistas de internacionalização e a compreensão da internacionalização em seus significados (DE WIT, 2002), como MEIO para um fim”. Isso porque a interculturalidade é um conceito muito mais amplo e abrangente e traz consigo dimensões.

Esse distanciamento, aqui denominado, não se trata de uma desconexão e mais como uma diferenciação conceitual. Também se relaciona à apropriação do conceito na literatura. Percebe-se que análises acerca e internacionalização *at home* já estão mais expressivas do que interculturalidade *at home*, discussão pouco ou nada fundamentada na literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O INÍCIO DE UMA LONGA CAMINHADA ...

Essa pesquisa permitiu analisar algumas aproximações e distanciamentos sobre as discussões na literatura quanto a internacionalização e interculturalidade, ambas consideradas *at home* ou em casa.

As discussões sobre internacionalização *at home* e interculturalidade *at home* trazem prismas muito próximos e às vezes até mesmo confusas quanto à diferenciação conceitual. Pondera-se aqui algumas lacunas que foram consideradas para a reflexão e futura estruturação e enraizamento desses conceitos no âmbito da educação superior brasileira.

A primeira, é que a internacionalização *at home* é uma fonte que pode ser assimilada pela educação superior como uma ferramenta para o desenvolvimento da interculturalidade de uma forma mais abrangente, visto que tratar do tema com o olhar somente para mobilidade, já parece ser um discurso sobrepujado. A internacionalização *at home*, portanto, é um meio para alcançar afetividade nesse campo. Conforme Robson (2017), entende-se que, universidades queiram ser verdadeiramente “internacionais”, elas devem começar “em casa”. Esse aspecto, portanto, foi considerado como um distanciamento, não no sentido de desconexão, mas de diferenciação.

A segunda é que a literatura já está concretizada em um ponto: a interculturalidade é essencial nas discussões sobre internacionalização da educação superior. As principais referências adotadas nas discussões deste artigo permitiram essa inferência trazendo que, internacionalização *at home* é mais discutida na literatura do que a interculturalidade *at home*, sendo esse último um construto ainda não assim intitulado. Ambos os conceitos, portanto, sendo extremamente importantes quando se trata de internacionalização da educação superior, e aqui, iniciada uma proposta de reflexão conceitual.

A terceira se refere ao entendimento do construto interculturalidade na educação superior. As pesquisas realizadas embasam a afirmação que discutir interculturalidade na América Latina é improtelável. A perspectiva da interculturalidade crítica (WALSH, 2009) é uma projeção de construto ideal e que precisa ser reflexionado, principalmente quando se discute a questão da colonialidade, que já não pode ser omitida ou ignorada nas pesquisas sobre a internacionalização e internacionalização *at home*. Essa, talvez tenha sido a aproximação mais sólida nessa pesquisa, visto que ambas tratam do tema “em casa”, tendo a necessidade se discutir a historicidade do contexto.

A quarta inferência que permitiu esse estudo é que a internacionalização e colonialidade são dimensões da interculturalidade na educação superior, que para a América Latina e Brasil,

intitula-se interculturalidade *at home*. Compreende-se que a principal discussão nessa pesquisa, busca incitar discussões que venham estruturar melhor esse construto, a partir do entendimento que por meio da internacionalização *at home* é possível desenvolver análises críticas e construtivas sobre a colonialidade e cultura local, podendo ocultar ou transcender os principais problemas que emergem dessa temática, consequentemente podendo alavancar o processo de internacionalização da educação superior.

Por fim, recomendam-se estudos que venham agregar uma construção conceitual mais sólida e didática que venham possibilitar práticas para o desenvolvimento da mesma na educação superior brasileira.

REFERÊNCIAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. **La educación intercultural**. Barcelona: Idea Books, 2001.

AUPETIT, S.; ESCOBAR, V. (Org.). **Internacionalizacion de la Educacion Superior y las ciencias em America Latina: un estado del arte**. Venezuela: Iesalc/Unesco, 2014. 220 p.

BANKS, J. A. **An introduction to multicultural education**. Boston: Ally & Bacon, 1999.

BARTOLOMÉ PINA, M. **Diagnóstico a la escuela multicultural**. Barcelona: CEDECS, 1997.

BEELLEN, J.; LEASK, B. **Internationalization at home on the move**. Berlin: Dr. Josef Raabe Verlag, 2011.

BEELLEN, J; JONES, E. Redefining internationalization *at home*. In: CURAJ, A., MATEI, L.; PRICOPIE, R. ; SALMI, J.; SCOTT, P. (Eds.). **The European higher education area: Between critical reflections and future policies**, v. 1, p. 59-72, 2015.

CANDAU, V. M. **Relatório da Pesquisa Universidade, Diversidade Cultural e Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC-RIO, 2003.

CANDAU, V. M.; KOFF, A. M. N. S. Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 471-493, maio/ago. 2006.

CLEMENTE, F. A. S.; MOROSINI, M. C. Competências interculturais: interlocuções conceituais e uma proposta de releitura para a educação superior. **Educação e Pesquisa**, v. 46, e216262 , p. 1-20, 2020.

CLEMENTE, F. A. S.; MOROSINI, M. C. Competências interculturais na educação superior: uma perspectiva do continente brasileiro. **Laplage em Revista**, v. 6, n. 1, p. 61-74,

2020a.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marilia Costa. Estado do conhecimento sobre competências interculturais no contexto brasileiro: o início de uma caminhada. **Revista Panorâmica online**, v. 30, 2020b.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos; MOROSINI, Marilia Costa. Apontamentos sobre competências interculturais na educação superior: o que pensam os discentes de maior rendimento?. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, p. e021001-e021001, 2021.

COSTA, B. S. **Viagem de (auto)descobrimto**: experiências de mobilidade estudantil de graduação no Programa Escala/AUGM/UFRGS. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre - RS, 2014. 231 p.

DEARDORFF, D. K. Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalization. **Journal of Studies in Intercultural Education**, n. 10, p. 241-266, 2006.

DE WIT, H. Rethinking the concept of internationalisation. *In: Going Global: Identifying Trends and Drivers of International Education*, p. 213-218 Emerald Group Publishing, London, 2013.

DE WIT, H. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**: A historical, comparative and conceptual analysis. Westport, CT: Greenwood Press, 2002.

DE WIT, H. Misconceptions about (the End of) Internationalisation: The Current State of Play. *In: E. Jones, R. Coelen, J. Beelen and H. de Wit (Eds.), Global and Local Internationalization*, pp. 15-20. Sense Publishers, Rotterdam, 2016.

DE WIT, H. **Misconceptions of Internationalization Still Prevailing**. University World News, July 16, 2017.

FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? *In: Barbosa, Livia. (Coord.). Cultura e diferença nas organizações. Reflexões sobre nós e os outros*. São Paulo: Atlas, 2009, p. 89-115.

GUIMARAES, F. F; FINARDI, K. R. Interculturalidade, internacionalização e intercompreensão: qual a relação? **Ilha do Desterro** v. 71, nº 3, p. 015-037, Florianópolis, set/dez 2018

HEYWARD, M. From international to intercultural: Redefining the international school for a globalised world. **Journal of Research in International Education**, v. 1, n.1, p. 9–32, 2002.

INEP. **Censo da Educação Superior 2016 - Notas Estatísticas**. 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/

2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf. Acesso em: 27 mai. 2019.

LEASK, B. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. **Journal of Studies in International Education**, 13(2), 205–221, 2009.

_____. **Internationalization of the curriculum in action**. A guide: University of South Australia, 2012.

_____. **Internationalizing the curriculum**. London: Routledge, 2015.

LEAL, F. G.; OREGIONI, M. S. Aportes para analizar la internacionalización de la educación superior desde Latinoamérica: un enfoque crítico, reflexivo y decolonial. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, p. e019036, 16 fev. 2019.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 10 n. esp, p. 37-45, 2007.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; MEDIEL, O. G. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação (Campinas) [online]**. 2016, vol.21, n.2, pp.317-340.

MARTINEZ, J. Z. **Entre fios, pistas e rastros: os sentidos emaranhados da internacionalização da educação superior**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

MATO, D. Interculturalidad, producción de conocimientos y prácticas socioeducativas. **ALCEU**, v.6, n.11, p.120-138, jul./dez. 2005.

MAUES, O. C; BASTOS, R. dos S. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 333-342, set.-dez. 2017.

McLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MOROSINI, M. C. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, M. (Ed.). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006b. p. 93-161. (Glossário, 2 v.).

MOROSINI, M. Qualidade e internacionalização da Educação Superior: estado de conhecimento sobre indicadores. In: BROILO, C.; CUNHA, M. (Org.). **Qualidade da Educação Superior: grupos investigativos internacionais em diálogo**. Araraquara: Junqueira & Marin Eds., 2012. p. 29-62.

_____. Qualidade da educação superior e contextos emergentes. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 385-405, jul. 2014.

_____. Internacionalização da educação superior. **Educação** (Porto Alegre), v. 40, n. 3, p. 288-292, set.-dez. 2017

_____. INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO – IOC: produção em Organismos multilaterais. Dossiê “Organismos multilaterais e políticas públicas na educação básica e superior: diretrizes, desafios e práticas” **Revista ROTEIRO**, UNOESC, jan-mar, 2018.

MOROSINI, M. C.; USTÁRROZ, E. Impactos da internacionalização da educação superior na docência universitária: construindo a cidadania global por meio do currículo globalizado e das competências interculturais. **Em Aberto**, 29(97), 35-46, 2016.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 47, p. 97-120, jan/mar. 2018.

MOROSINI, M. C (Org). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

PINTO, M. M.; LARRECHEA, E. M. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 23, n. 3, p. 718-735, nov. 2018

REYNA, M. H. Sobre los sentidos de “multiculturalismo” e “interculturalismo”. **Ra Ximhai**, v.3, n. 2, p. 429-442, Sinaloa, mai/ago. 2007.

ROJAS, A. ¿Etnoeducación o educación intercultural? Estudio de caso sobre la licenciatura en Etnoeducación de la Universidad del Cauca. In: MATO, D (Coord.). **Diversidad Cultural e Interculturalidad en Educación Superior**. Experiencias en América Latina. Caracas: IESALC-UNESCO, 2008.

ROSA, B. J. da; SANTOS, P.K. dos; MOROSINI, M. C. **Internacionalização da educação superior África – Brasil**: contribuições para a inovação da educação superior. IV SIPASE. Porto Alegre, 2018.

SOUSA SANTOS, B. de. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SAMPAIO, H.; SAES, P. Internationalization of Higher Education: a balance of the literature in Brazil. In: AUPETI, S.; ESCOBAR, V. **Internacionalización de la Educación Superior y las ciencias en América Latina**: um estado del arte. Caracas: Iesalc, 2014. p. 49-76.

TUBINO, F. **La interculturalidad crítica como proyecto ético-político**. In: Encuentro continental de educadores agustinos. Lima, 24-28 de enero de 2005. Disponible en: <http://oala.villanova.edu/congresos/educación/lima-ponen-02.html>.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. 2009. Seminário Interculturalidad y Educación Intercultural, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de marzo de 2009. Disponível em: <http://docplayer.es/13551165-Interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural.html>. Acesso em: 20 ago 2018.

_____. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones AbyaYala: Quito, 2009a. Disponível em http://www.derecho.uach.cl/documentos/Interculturalidad-estado-ysociedad_Walsh.pdf. Acesso em: 20 ago 2018.

WÄCHTER, B. **Internationalisation at home: the context**. In: CROWTHER, P.; JORIS, M.; OTTEN, M.; NILSSON, B.; TEEKENS, H.; WÄCHTER, B. *Internationalisation at home: a position paper*. Amsterdam: EAIE, 2000, p. 5-13.

Recebido em: 12.03.2020

Aceito em: 02.06.2021